

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS BRASILEIRAS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Ellery Henrique Barros da Silva; Fauston Negreiros

DOI: 10.51207/2179-4057.20200027

RESUMO - O objetivo do presente estudo é realizar uma revisão sistemática da literatura sobre a violência nas escolas públicas brasileiras. Foram selecionados 11 artigos empíricos publicados no período de janeiro de 2014 até dezembro de 2018, nas bases Scopus, SciELO, LILACS, *Web of Science* e Pepsic. A seleção das bases escolhidas se deu em função de que elas reúnem estudos acerca do objeto pesquisado, além de disporem de respaldo científico, reconhecimento e confiabilidade nas informações disponibilizadas. Para a seleção dos manuscritos, foram utilizadas as seguintes palavras-chave: violência, escola, violência nas escolas e violência escolar. Os estudos encontrados, em sua maioria, abrangeram estados das regiões Nordeste, Sul e Sudeste do país, uma vez que esta é uma pesquisa realizada no Brasil. Os artigos foram divididos em quatro categorias de análise: 1) Relação professor, aluno e violência escolar; 2) Discente e situações de violência; 3) Violência escolar na perspectiva docente; e 4) Violência, mediação de conflitos e equipe escolar. Os resultados demonstraram que a violência é algo presente em todos os segmentos sociais, surgindo de forma física e verbal, ocasionando interferência nas relações interpessoais.

UNITERMOS: Violência. Escola. Brasil.

Ellery Henrique Barros da Silva - Mestre em Psicologia – Universidade Federal do Piauí (UFPI); Licenciado em Pedagogia (UFPI); Professor da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Parnaíba, PI, Brasil.

Fauston Negreiros - Doutor e Mestre em Educação – Universidade Federal do Ceará (UFC); Professor associado do departamento de Psicologia e do Mestrado da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Parnaíba, PI, Brasil.

Correspondência

Ellery Henrique Barros da Silva

Universidade Federal do Piauí

*Av. São Sebastião, 2819 – Nossa Senhora de Fátima
– Parnaíba, PI, Brasil – CEP 64202-020*

E-mail: elleryhenrique@gmail.com

INTRODUÇÃO

A violência é considerada uma das principais formas de representação de atos de incivilidade presentes na sociedade, violando um dos direitos da humanidade mais importantes, o direito à vida. Também é compreendida como um fenômeno psicossocial polissêmico, que age por meio da dialética em todas as esferas sociais. Assim, definir a palavra violência se torna absolutamente oportuno e pede uma abrangência semântica ampliada, uma vez que ela se manifesta por meio de características individuais ou coletivas^{1,2}.

Estudos indicam que se trata de um fenômeno social que possui raízes históricas que esboçam manifestações que transcendem a criminalidade, mas definem as estruturas que regem a sociedade. No contexto brasileiro, ela existia muito antes da chegada dos europeus, estando associada ao início das primeiras civilizações, na qual o homem utilizava-se da força como uma estratégia de sobrevivência e poder²⁻⁵.

Diante dessa realidade, o Mapa da Violência é reconhecido como um documento importante de referência para apresentação de estatísticas sobre esses índices correlacionados mundialmente. Em 2019, o mapa publicado, por exemplo, apresentou um panorama sobre a evolução da violência no cenário brasileiro, em que, no período compreendido entre 2007 e 2017, analisando todos os estados, capitais e respectivos municípios, cerca de 618 mil pessoas foram vítimas de homicídio e 92% das vítimas eram do sexo masculino⁶. Tal realce dessas estatísticas deve-se em decorrência do aumento da população na zona urbana, ou seja, a busca por melhores condições de vida nas grandes cidades alavancou o desemprego, as baixas condições socioeconômicas e a desigualdade de condições para a população.

Nessa perspectiva, enquanto fenômeno global, a violência espalha-se dentro dos mais variados lugares e tem se desenvolvido principalmente no contexto escolar, considerado como um ambiente seguro para a aprendizagem e

de transformação social. A violência nas escolas é uma realidade vertiginosa que reflete no processo educacional do indivíduo em desenvolvimento e na constituição de seus saberes.

Na literatura internacional, é possível encontrar inúmeros significados para a violência escolar, porém, entre os pesquisadores da área, não foi possível entrar em um consenso para sua definição. Os estudos apresentam que ela pode variar de acordo com a regionalidade, país, sexualidade e faixa etária dos indivíduos envolvidos, entre outras⁷⁻⁹. Pesquisas realizadas nos anos 1990, por exemplo, atribuíam os atos de violência como indisciplina; posteriormente, com o avançar dos estudos, foram designados como violência escolar^{9,10}. Isso demonstra que se trata de um fenômeno que emerge por meio de diversas situações internas ou externas aos muros escolares.

Entende-se por violência escolar todas as atitudes praticadas por todos os membros pertencentes ao espaço escolar (docente, discente, servidores, comunidade), dentre tais ações podem-se inferir a criminalidade, danos ao patrimônio público, relações de conflitos interpessoais, violência simbólica, dentre outras^{11,12}. Nessa ótica, marcada por tais estereótipos, a violência se faz presente dentro desse espaço transformador de aprendizagens e formação cidadã. Ela é uma marca peculiar dentro do contexto sócio-político-mundial, colocada dentro dos mais variados âmbitos sociais (casa, rua, escola, etc.).

Obras consultadas indicam que a violência nas escolas tem se elevado nos últimos anos, principalmente devido às inúmeras mudanças socioeconômicas ocorridas na sociedade e no entorno da escola¹³. Tais indicadores devem-se ao fato da presença de gangues nos bairros mais periféricos, altos índices de pobreza, agressividade, bem como o uso de armas dentro da escola. Por isso, a violência escolar enquanto fenômeno histórico e social não pode ser atribuída apenas a um fator condicionante, mas a um conjunto de características que estão implicitamente interligadas às mais variadas camadas sociais.

Por meio desta realidade, falar de violência é algo abrangente, principalmente quando ela está atrelada ao contexto escolar. A literatura tem evidenciado que é preciso fazer a distinção da “violência na escola”, “violência à escola” e a “violência da escola”. A partir dessa premissa, vejamos: a *violência na escola* é aquela que se correlaciona aos atos cometidos de ordem externa a ela, como as invasões relacionadas às disputas de gangues, facções, brigas de bairros e rixas; aqui a escola se torna o cenário onde acontece tal ato. Sobre a *violência à escola* fala-se sobre as agressões contra o corpo docente, alunos, pichações, depredação dos prédios, entre outras situações. Já a *violência da escola* traz similaridades com a anterior, uma vez que agrega o agir por meio de atos velados, a saber: atitudes racistas, preconceituosas, separação de classes, agressões verbais e psicológicas cometidas aos alunos, entre outros^{14,15}.

Algo frequente encontrado nos estudos é com relação aos modos de relacionamentos interpessoais nos quais observa-se a prevalência de violência por agressões físicas, verbais, simbólicas, entre outras. Segundo dados de uma pesquisa realizada pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso) em parceria com o Ministério da Educação e a Organização dos Estados Interamericanos (OEI), as violências físicas e verbais atingem 42% dos alunos da rede pública¹⁶, ou seja, tamanha ferocidade leva a estatísticas elevadas, tornando-se necessário um olhar mais agudo dirigido ao contexto da escola pública, que se encontra aquém de investimentos em políticas públicas educacionais.

Outro fator também preponderante obtido por meio da pesquisa é que a violência se expande também através dos meios virtuais; nessa perspectiva, os dados trazem uma reflexão de que a violência enquanto fenômeno social acontece em espaços extraescolares. Urge observar que a escola, nos últimos anos, enquanto instituição de saberes para formação integral de crianças, jovens, adolescentes e adultos, tem se tornado palco da incidência da violência, constituindo, assim, uma inversão de valores.

Diante do exposto, identifica-se a importância e a relevância social dos estudos sobre a violência no contexto escolar, visto que a escola deve estar comprometida com os pressupostos essenciais para uma educação mais humana e democrática.

Assim, o objetivo do presente estudo é realizar uma revisão sistemática da literatura, no período de janeiro de 2014 até dezembro de 2018, sobre a violência nas escolas públicas brasileiras. Para que tal objetivo seja alcançado, levar-se-ão em consideração os aspectos metodológicos, participantes dos estudos, perspectiva teórica adotada, os estados brasileiros, ano de publicação e os resultados.

MÉTODO

Tipo do estudo

Trata-se de uma revisão sistemática da literatura. O presente estudo seguiu os critérios do PRISMA – Principais Itens para Relatar Revisões Sistemáticas e Meta-análises, constituído como um documento atualizado que permite direcionar aos aspectos pertinentes a serem discutidos numa revisão sistemática¹⁷.

Crítérios de elegibilidade

A delimitação dos artigos analisados se deu a partir de alguns critérios de inclusão. Para ser incluído, consideraram-se artigos que estudam a violência nas escolas no contexto brasileiro. O segundo critério foi considerar artigos que contemplem estudos empíricos, aqui optou-se por utilizar manuscritos apenas em português por se tratar de um estudo que abrange apenas o cenário brasileiro.

A partir daí, foram selecionados artigos publicados no período de janeiro de 2014 até dezembro de 2018. Como critério de exclusão, foram excluídos capítulos de livros, teses, dissertações e estudos teóricos, além de artigos duplicados e sem acesso disponível nas plataformas digitais. Inicialmente, alguns estudos foram excluídos por não contemplarem o tema violência/ escola no título ou no resumo.

Fontes de informação, seleção e processo de coleta dados

As bases de dados foram eleitas a partir da relevância científica para estudos em ciências humanas e de saúde, sendo composto pelo Scopus, SciELO, LILACS, *Web of Science* e Pepsic. Para a seleção dos manuscritos, utilizaram-se as seguintes palavras-chave: "violência", "escola", "violência nas escolas" e "violência escolar". O acesso foi realizado nos meses de julho, agosto e setembro de 2019 por dois juízes.

Síntese da informação

Os estudos selecionados foram lidos integralmente no processo de extração dos dados e elaboração de categorias de análise. Considerou-se título, ano de publicação, revista utilizada e área de concentração do estudo, estado de realização da pesquisa, participantes do estudo, delineamento metodológico, instrumento de pesquisa e os resultados.

RESULTADOS

Por meio da investigação nas bases de dados foram encontrados 291 artigos, desses foram selecionados 137 dos últimos 5 anos e 62 foram baixados e lidos na íntegra, dos quais 18 eram duplicados e 46 não atendiam aos critérios de inclusão estabelecidos a priori. Resultaram, assim, 11 artigos (Figura 1). Quanto ao idioma, foram 10 em português e 1 em inglês. Importante salientar que foram utilizados descritores apenas em português por se tratar de uma pesquisa de contexto nacional. O número de identificação do manuscrito na Tabela 1 será usado em todas as tabelas para facilitar a identificação do estudo.

Em relação ao ano de publicação, o gráfico demonstra uma prevalência de 2 artigos por ano (Figura 2), com exceção de 2016, o ano com o maior número de pesquisas realizadas, que apresenta 3 artigos. Por meio da extração dos dados, identificou-se que os estudos sobre violência nas escolas estão intensificando, porém direcionados especificamente para questões relacionadas ao *bullying* e não para a violência escolar de forma mais generalizada.

No que diz respeito aos estados de origem das pesquisas (Figura 3), a maioria dos estudos encontrados foram realizados em estados brasileiros, a saber: São Paulo (5), Santa Catarina (1), Distrito Federal (1), Rio Grande do Sul (2), Paraíba (1), Sergipe (1). Percebe-se que a maioria dos estudos foram realizados em estados do Sul e Sudeste brasileiro. Na Tabela 1 estão os manuscritos recuperados nesse estudo, separados por autor, ano, delineamento, participantes e estados brasileiros.

Quanto às revistas nas quais foram feitas as publicações dos artigos, apenas uma se repetiu, fato que possivelmente pode estar associado à área de estudo em que foi realizada a pesquisa. As revistas científicas são: Educar em Revista (1), Cogitare Enfermagem (1), Pensamento Psicológico (1), Pensar a Prática (1), Revista Ciência Plural (1), CoDAS (1), Revista Psicologia Escolar e Educacional (3), Paidéia (1), Acta Paulista de Enfermagem (1). Pode-se observar que, dos 11 estudos encontrados (Figura 4), 6 pesquisas eram da área da Psicologia, 3 da Educação e 2 da Enfermagem.

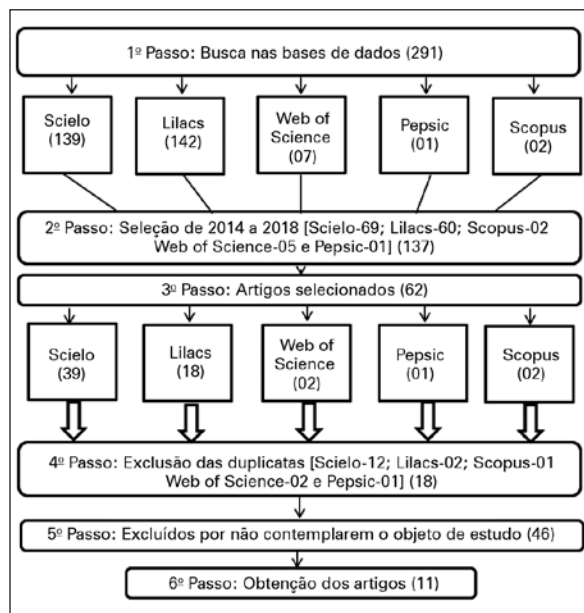


Figura 1 - Fluxograma da seleção dos estudos nas bases de dados.

De forma geral, os estudos foram realizados com alunos da Educação Básica (Ensino Fundamental - anos iniciais e anos finais, e Ensino Médio), como pode ser observado na Tabela 1. Apenas uma das pesquisas contemplou alunos, professores, gestores, pais e coordenadores¹⁸. Um deles faz um estudo apenas com gestores¹⁹. Há três artigos que realizaram pesquisas

com estudantes com faixa-etária entre 11 e 18 anos^{20,21} e com professores da zona urbana e rural²². Também foi encontrado um estudo comparativo entre quatro escolas públicas paulistas²³. Apenas um dos trabalhos foi realizado com estudantes do Ensino Médio²⁴. Foi possível encontrar 3 estudos direcionados a professores e alunos²⁵⁻²⁷, e uma pesquisa com professores da Educação Infantil²⁸.

Tabela 1 – Descrição dos artigos selecionados na base de dados.

Artigos			
Autor/ano	Delineamento	Participantes	Área de estudo
Bonamigo, Tondin, Risson e Solvalagem (2014) ¹⁸	Pesquisa-intervenção (Qualitativo)	221 alunos, 105 professores, 63 pais, 8 coordenadores pedagógicos e 11 diretores.	Psicologia
I. Ribeiro, A. Ribeiro, Pratesi e Gandolfi (2015) ²⁰	Estudo transversal (Quantitativo)	288 crianças entre 11 e 15 anos.	Enfermagem
Crochick (2016) ²³	Escala de Hierarquias Escolares e Escala de Avaliação de Agressão pelos Colegas (Quantitativo)	274 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de 4 escolas públicas paulistas de ambos os sexos	Psicologia
Giordani, Seffner, Dell’Aglío (2017) ²⁷	Grupo focal (Qualitativo)	16 professores e 60 alunos	Psicologia
Cruz & Maciel (2018) ²¹	Técnica de Associação Livre de palavras (TAL) e grupo focal (Qualitativo).	203 estudantes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental	Psicologia
Dornelas, Santos, Oliveira, Irineu, Brito e Silva (2017) ²²	Condição de Produção Vocal – Professor (CPV-P) e o Índice de Triagem para Distúrbio de Voz – ITDV. (Quantitativo)	41 professores do Fundamental da Zona Rural e Urbana.	Psicologia
Garbin, Lima, Garbin, Roviada e Saliba (2015) ²⁸	Estudo descritivo (Estudo Misto)	164 professores da Educação Infantil	Educação
Mello & Campos (2018) ²⁶	Exploratório-descritivo (Qualitativo)	2 professores e duas turmas do 5º Ano do Ensino Fundamental	Educação
Stelko-Pereira & Williams (2016) ²⁵	Escala de Violência Escolar, Escala de Aderência Escolar (estudantes), Questionário Geral de Saúde de Goldberg, Escala de Violência Escolar (professores) (Quantitativo)	71 estudantes e 13 professores	Psicologia
Silva, Costa, Santos e Janh (2014) ²⁴	Exploratório-descritivo (Qualitativo)	13 jovens de 16 a 18 anos	Enfermagem
Martins & Machado (2016) ¹⁹	Exploratório (Qualitativo)	43 gestores	Educação

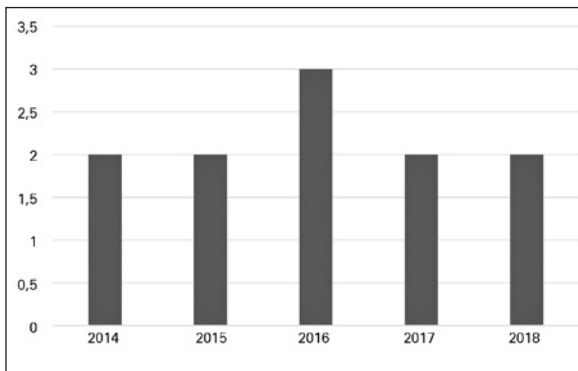


Figura 2 - Publicações de manuscritos sobre a violência nas escolas públicas brasileiras recuperados de bases de dados.

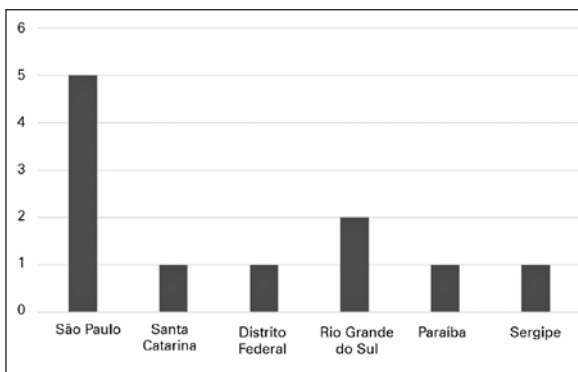


Figura 3 - Publicações dos estados de origem das pesquisas sobre a violência nas escolas públicas brasileiras recuperados de bases de dados.

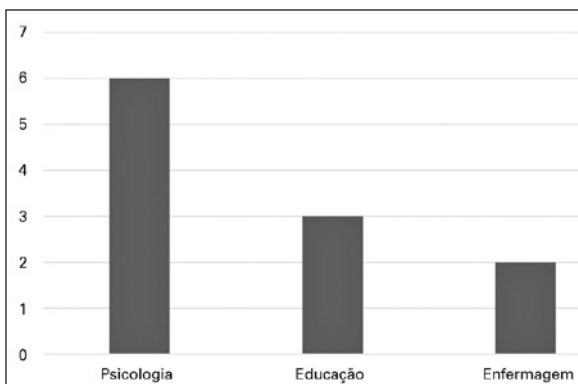


Figura 4 - Publicações das áreas de estudos das pesquisas sobre a violência nas escolas públicas brasileiras recuperados de bases de dados.

Na coleta de dados e delineamento do estudo foram utilizados instrumentos variados. A maioria dos estudos utilizam a abordagem qualitativa, e uma parte menor quantitativa. Prevaleceu a aplicação de escalas [Escala de Hierarquias Escolares e a Escala de Avaliação de Agressão pelos Colegas Condição de Produção Vocal - Professor (CPV-P) e o Índice de Triagem para Distúrbio de Voz – ITDV. Escala de Violência Escolar, Escala de Aderência Escolar (estudantes), Questionário Geral de Saúde de Goldberg, Escala de Violência Escolar (professores), *Child Abuse Screening Tool Children's Version* (ICAST-C)]. Foram encontradas também nas pesquisas estudos documentais e observação¹⁸, Grupos focais e Teste de Associação Livre de Palavras – TALP^{19,27}. Apenas uma utilizou métodos mistos, por meio da aplicação de questionário²⁸.

Na Tabela 2, estão as categorias de análise relacionadas aos objetivos e resultados encontrados nos estudos recuperados. A violência é um processo com muitas variações, pois permeia todos os segmentos: saúde, trabalho, meios virtuais e educação. Desta forma, as categorias servem como panorama dos resultados, permitindo uma maior contextualização acerca do que será abordado.

Neste apartado, foram apresentados os resultados a partir de itens como sugere o PRISMA¹⁷. A seguir, serão apresentadas as discussões dos principais resultados encontrados, limitações dos estudos, delineamentos de pesquisa, áreas de estudo acerca da violência nas escolas públicas brasileiras.

DISCUSSÃO

Com a revisão sistemática foi demonstrado que existe uma prevalência de dois estudos por ano das publicações sobre a violência nas escolas públicas brasileiras, sendo que todos as pesquisas foram realizadas por pesquisadores brasileiros. São Paulo segue na liderança de estudos realizados em torno do objeto estudado, o que pode estar associado ao crescimento elevado de agressões contra professores, dados registrados desde o ano de 2014 até 2018²⁹.

Tabela 2 – Divisão dos artigos de acordo com as categorias de análise.		
Artigos		
Categorias de Análise	Nº	Resultados relacionados à violência escolar
Relação professor-aluno e violência escolar	4	A violência escolar foi descrita como multifacetada, ocorrendo nas formas verbal e física. Violência intra e extrafamiliar foram percebidas como relacionadas às ocorrências intraescolares; as ações da direção da escola foram pontuadas por todos como relevantes para a resolução dos conflitos. Destaca-se a necessidade de projetos de intervenção que focalizem as relações sociais entre os adolescentes e a formação dos professores e equipe diretiva para atuação nos casos de conflito. (Giordani et al., 2017) ²⁷
	8	Os resultados mostram que práticas licenciosas e autoritárias por parte dos professores acabam por possibilitar espaços de relacionamentos sociais suscetíveis ao surgimento de 9 situações conflituosas em que os alunos apresentaram comportamentos violentos. (Mello & Campos, 2018) ²⁶
	9	Foi achada uma diminuição significativa em auto-reporte da perpetração da violência dos estudantes e dos problemas de saúde mental dos professores em comparação com a escola controle. Porém, o programa não melhorou a participação escolar nem produziu uma diminuição da vitimização de estudantes pelos docentes ou uma redução da vitimização do professor pelos estudantes. (Stelko-Pereira & Williams, 2016) ²⁵
Discente e situações de violência	2	Houve frequente fragmentação do núcleo familiar, com menos de 50% das crianças morando com ambos os genitores; frequente sentimento de insegurança nas escolas associado a alta prevalência de violência física (85,4%) e violência psicológica (62,5%); além de violência de cunho sexual (34,7%). (Ribeiro et al., 2015) ²⁰
	3	274 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de quatro escolas públicas paulistas de ambos os sexos; idade média 14,08 anos (<i>DP</i> = 0,81). Os alunos mais indicados como populares, melhores em educação física e piores nas disciplinas de sala de aula foram mais associados à autoria da agressão escolar, e os impopulares e com piores desempenhos em educação física como os alvos dessa agressão. Assim, é importante que os educadores reflitam e atuem de modo a combater a violência escolar proveniente dessas hierarquias. (Crochick, 2016) ²³
	5	A compreensão estrutural das representações com a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP) e a devolutiva das primeiras análises e aprofundamento da compreensão dos resultados em grupos focais. Os estudantes objetivaram a violência em aspectos físicos como <i>bater, xingar</i> , e ancoraram os sentidos simbólicos em aspectos sociais e afetivos, expressivos de <i>preconceitos e discriminação</i> em relação às diferenças. (Cruz & Maciel, 2018) ²¹
	10	Os adolescentes julgam que o acesso ao estudo e ao conhecimento são formas para enfrentar a violência, mas consideram difícil esse enfrentamento. Os achados deste estudo reforçam a necessidade de um trabalho interdisciplinar e intersetorial para fortalecer o já existente. (Silva et al., 2014) ²⁴
Violência escolar na perspectiva docente	6	Com relação aos hábitos vocais, 33 pessoas (80,5%) referiram o costume de gritar e 40 pessoas (97,5%) se autodeclararam falar muito. Quanto aos cuidados com a voz, 31 pessoas (73,1%) relataram ingerir água enquanto realizam uso vocal. A análise estatística evidenciou associação significativa entre o gênero feminino e a queixa de violência do tipo pichações. Não foi evidenciada nenhuma correlação significativa entre o resultado do ITDV com o gênero e ITDV com as formas de violência avaliadas no estudo. (Dornelas et al., 2017) ²²
continua...		

...Continuação		
Tabela 2 – Divisão dos artigos de acordo com as categorias de análise.		
Artigos		
	7	75% consideraram a violência física como o principal tipo de violência sofrido pelas crianças; 87,2% afirmaram tomar alguma atitude ao presenciar algum ato de violência infantil, sendo 38,4% os educadores que interfeririam através do diálogo e 21,3% denunciariam o fato ao Conselho, entre outras condutas. Concluiu-se que os educadores do ensino infantil possuem amplo conhecimento a respeito do assunto. Porém, para que as ações contra a violência sejam de fato efetivadas, existe a necessidade de implementar nas escolas um protocolo a ser seguido pelos educadores frente a situações de violência. (Garbin et al., 2015) ²⁸
Violência, mediação de conflitos e equipe escolar	1	Compreende-se que as práticas violentas em escolas precisam ser tomadas como potência, ou seja, como conflitos que expressam forças que estão em jogo no espaço institucional e que questionam o modo hegemônico da organização escolar, ritualizado e enrijecido, e o funcionamento social, individualista e competitivo. A proposta é sair do território do indivíduo para pensar o fenômeno como expressão social, política, econômica e cultural. (Bonamigo et al., 2014) ¹⁸
	11	O estudo aponta para a existência de número significativo de respostas cautelosas e contraditórias, o que pode indicar que os diretores não se sentem preparados para enfrentar os desafios postos pelas situações de conflito; para a ausência significativa de respostas dos diretores nas questões referentes às ações que foram adotadas em situações de conflito e violência, as principais fazem referência a ações como chamar a família ou os responsáveis, ou os próprios alunos; a acionar órgãos colegiados escolares; à realização de palestras e projetos alternativos; a mobilizar a equipe de gestão e os Professores Mediadores Comunitários. Os recursos externos como órgãos de segurança e rede de apoio são acionados quando os recursos anteriores foram esgotados. (Martins & Machado, 2016) ¹⁹

Além disso, por meio de um levantamento realizado pelo Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP) com alunos e professores da rede pública estadual em 2019, constatou-se que cerca de 80% da população paulista já presenciou alguma forma de violência. E é diante do crescimento vertiginoso desses índices que urge o investimento em políticas educacionais para o enfrentamento da violência no estado³⁰.

Pode-se identificar que as pesquisas sobre a violência escolar têm sido conduzidas em várias regiões do Brasil por meio de delineamentos quantitativos, qualitativos e métodos mistos, mesmo apresentando uma grande variedade de perfis de delineamento de pesquisas e de

procedimentos de coletas dos dados, ainda é ausente a realização de pesquisas documentais, ou seja, pesquisas que investiguem os registros de violências nas instituições de ensino.

Na área da Psicologia se concentra o maior número de estudos no tema investigado. O destaque para a Psicologia pode ser explicado devido ao engajamento dos Conselhos Federal de Psicologia (CFP), da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRapee) em parceria com as universidades, por assumirem um compromisso social com a educação ao promover ações de erradicação da violência nas escolas por meio da produção científica e da inserção do psicólogo nos espaços escolares³¹.

Vale ressaltar que foram encontrados estudos na área da Enfermagem, o que pode estar associado aos esforços dos pesquisadores da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP/Fiocruz), que diante dos acontecimentos relativos à violência no país têm observado os impactos ocasionados na saúde e segurança pública.

Nesse sentido, com o objetivo de monitorar os fatores relacionados à promoção da saúde, o Ministério da Educação (MEC) desenvolveu a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), cujos dados oriundos das escolas públicas e privadas em todo território nacional permitiram estruturar um mapa dos aspectos mais emergenciais existentes na escola. A análise desses dados possibilita produzir políticas públicas voltadas para a promoção da saúde, segurança e bem-estar social, além de promover ações de enfrentamento contra a violência na escola³².

Com relação aos participantes da pesquisa, em sua maioria foram alunos do Ensino Fundamental e apenas um estudo contemplava estudantes do Ensino Médio. Tal realce pode estar relacionado ao fato da violência ser mais presente entre os mais jovens; contudo, obras consultadas em outros países demonstram que quanto mais elevado o nível de ensino mais a violência passa a se manifestar por meio de outras representações como assédio sexual, representações psicológicas, entre outras³³.

Os estudos contemplados na categoria *Relação professor-aluno e violência escolar* indicaram aspectos como violência física, verbal e relações interpessoais; a implementação de programas de combate à violência foram levados em consideração para aprimorar e discutir estratégias para dirimir a violência nas escolas.

A pesquisa de Giordani et al.²⁷ revela que a violência possui características multifacetadas, manifestando-se das mais variadas formas, principalmente física e verbalmente. Ainda sobre esses resultados, são pontuadas ações positivas nas ações da gestão escolar em resolver conflitos, porém enfatizando a necessidade de formação continuada para os docentes, além da implementação de projetos de intervenção

que estabeleçam melhores relações entre todos os membros envolvidos (adolescentes, gestão e professores).

Um estudo realizado com dois professores de Educação Física e duas turmas de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental foi importante para identificar situações de violência. A pesquisa de Mello & Campos²⁶ demonstrou que, quando os docentes cometem práticas licenciosas e autoritárias com os alunos, abre-se espaço para a geração de 9 tipos de situações de comportamentos violentos. Entre tais comportamentos desenvolvem-se as incivildades, os xingamentos, as humilhações, a depredação do patrimônio público, entre outros^{12,34}.

Em outra pesquisa realizada, foi possível avaliar a implementação de um programa que objetivava diminuir os níveis de violência escolar, maximizar a participação estudantil e melhorar o bem-estar do docente²⁵. Desse modo, os resultados apontaram que ocorreu uma diminuição significativa, porém não satisfatória, já que o programa não melhorou a participação escolar e nem produziu bem-estar nas relações entre docentes e discentes.

A escola ao colocar o estudante como protagonista nas decisões escolares, participação em grêmios estudantis, tomada de decisões, deixando-o como membro integrante do processo educativo da não violência, pode auxiliar na redução de violência nas escolas¹⁵. Outro fator fundamental é o desenvolvimento de projetos educativos que permitam aos docentes colocarem em prática ações formativas que levem à participação e melhorias nas relações pessoais³¹.

A violência tem ganhado uma maior visibilidade, principalmente com a evolução das mídias sociais. É comum acompanhar nos noticiários jovens e adolescentes que protagonizam ou são vítimas de atitudes agressivas, hostis e desrespeitosas, tais condutas poderão ter como efeito colateral influenciar as bases de sua identidade social e trazer consequências danosas em suas interações³⁵.

A segunda categoria de análise, *Discente e situações de violência*, apresenta os estudos realizados com estudantes a partir dos quais

emergiram situações relacionadas a violência no núcleo familiar, violência física, agressões verbais e violência simbólica.

O estudo de Ribeiro et al.²⁰, realizado em quatro escolas públicas do Distrito Federal, objetivou identificar a prevalência de situações de violência. Os resultados revelaram que a violência física foi a mais prevalente, seguida da violência psicológica e sexual.

A pesquisa realizada por Crochick²³ com adolescentes em quatro escolas públicas paulistas trouxe a investigação da hierarquia como preditor da violência na escola. Os resultados indicaram que os alunos considerados como populares, melhores em educação física e piores nas demais disciplinas são em geral os autores da agressão escolar, enquanto os impopulares e com o desempenho inferior são os alvos dessas agressões.

Estudos apresentam que a violência escolar possui inúmeros significados e não acontece de forma isolada; assim, atos agressivos desenvolvidos na escola permitem o aumento de violência física, psicológica e sexual³⁶. Nesse contexto, para não realizar uma análise individualizante, é necessário contextualizar quais os possíveis fatores indutores, históricos e culturais, para as expressões da violência na escola.

Por meio de uma pesquisa que analisou as repercussões da violência nas interações da realidade escolar, os resultados evidenciaram o estímulo à democracia e ao diálogo nas relações interpessoais²¹. Sobre isso, a utilização de práticas dialógicas na escola é um importante exercício de reflexão sobre as ações e atitudes ocorridas no cotidiano escolar. Por isso, o educador, enquanto mediador do conhecimento, deverá estimular seus alunos a resolverem seus próprios problemas por meio do diálogo, da cooperação e do respeito, permitindo vencer desafios e desenvolvendo uma cultura de paz³⁷.

Em outra pesquisa com alunos do Ensino Médio, aparece a necessidade de maiores investimentos por parte do poder público na educação²⁴. Essa pesquisa ressalta a necessidade em promover ações para maior aproximação da família do

ambiente escolar. Os adolescentes argumentam que a implementação de políticas sociais poderia ser o caminho para amenizar as situações da violência nas escolas. Nessa perspectiva, a violência escolar tem sido um tema muito evidenciado nas mídias sociais em que a prevalência maior são as violências físicas e verbais³⁸.

Tais desencadeadores podem estar relacionados às condições de vulnerabilidade social, questões familiares, exclusão social, pobreza e às mudanças no entorno da escola. Com a ampliação das desigualdades sociais no mundo, os jovens passaram a ser os mais vulneráveis a situações de violência, e a escola, enquanto espaço de formação humana, tornou-se um lugar de práticas de incivilidade³⁹.

Quanto à terceira categoria de análise, denominada *Violência escolar na perspectiva docente*, foi possível conhecer como o professor percebe a violência no espaço escolar²². O estudo descreve a associação entre as situações de violência e a perda de voz do professor. Os resultados indicaram que não existe uma relação direta, todavia, recomendou-se nesse estudo o investimento em políticas públicas educacionais que impeçam o adoecimento e o aumento da violência.

No estudo realizado por Garbin et al.²⁸ para investigar o conhecimento, as atitudes e as percepções de professores da Educação Infantil sobre a violência foi possível perceber que a violência física se encontra em maior evidência e que o professor ao presenciar situações controversas toma atitudes por meio do diálogo, e que diante de condutas mais graves denuncia aos órgãos competentes, ou seja, ao Conselho Tutelar.

Dependendo da cultura e do tempo histórico, a violência pode ser compreendida de diversas maneiras. A falta de diálogo, de uma escuta democrática, de investimentos na educação, de existir uma precarização do trabalho, uma insatisfatória formação continuada e outros tantos, também são consideradas formas de violência e poderão desencadear outras expressões de violência^{27,38}.

A instituição escolar tem sido cenário de muitas formas de violência. Desenvolvida de forma sistemática, ela expressa ações diferentes nos atores escolares (professor, aluno, funcionários e comunidade), por isso, é necessário fazer uma análise histórico-cultural do contexto em que estão inseridas as vítimas e agressores para que sejam promovidas medidas de prevenção de violência na escola²⁷.

Violência, mediação de conflitos e equipe escolar, quarta categoria de análise emergente, conjuga estudos que alinham os diferentes atores sociais envolvidos no ambiente escolar, considerando de forma relacional os aspectos macro e micro do fenômeno da violência. Um estudo¹⁸ apresenta os resultados de um projeto de intervenção desenvolvido em 12 escolas públicas no estado de Santa Catarina. Por meio da pesquisa foi possível constatar que é necessário o indivíduo pensar o fenômeno da violência como uma expressão social, política, econômica e cultural, ou seja, interpretá-lo por meio de múltiplos fatores.

Em outro estudo realizado apenas com gestores, o escopo era apreender o que pensam os diretores escolares diante de situações de conflito e violência. Desse modo, percebeu-se a falta de ações dos gestores diante de situações de violência física, verbal, roubo e furto. Um outro fator preponderante é que existiam situações relacionadas ao álcool e nenhuma estratégia de redução na violência. Entretanto, alguns gestores acabavam por utilizar recursos externos como órgãos de segurança e redes de apoio quando não era possível conseguir uma estratégia satisfatória¹⁹.

As mudanças decorrentes na sociedade têm elevado o número de violência nas escolas. Estudos deixam claro que quando a equipe escolar busca uma gestão democrática e participativa fomenta a promoção de mudanças sociais e auxilia para a melhora das relações interpessoais. Vale ressaltar que para isso faz-se necessária a participação de todos os atores envolvidos na prática educativa^{31,40}.

Uma gestão inovadora e aberta à possibilidade de mudança é o caminho para uma forma de repressão da violência. Nesse sentido, a escola, ao sensibilizar a comunidade interna e externa, permite romper barreiras de hierarquia e desenvolver ações positivas, principalmente no enfrentamento das inúmeras formas de violência existentes na sociedade⁴¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta revisão sistemática apresentou um apinhado sobre os estudos envolvendo a violência nas escolas públicas brasileiras no período de janeiro de 2014 a dezembro de 2018, considerando produções científicas nacionais sobre a temática abordada. Os dados apresentados evidenciam que a violência é fenômeno presente em todos os segmentos sociais, agindo de forma física e verbal e ocasionando interferência nas relações interpessoais. Desse modo, por meio dos resultados obtidos, observa-se que os estudos encontrados trazem reflexões importantes que contribuem para o atual panorama da violência escolar.

Os resultados mostraram uma variedade de estudos (qualitativos, quantitativos e métodos mistos), demonstrando diversidade de instrumentos e procedimentos de investigação sobre a violência escolar. Foi evidenciado também que a maioria dos estudos sobre a violência escolar foi desenvolvida no estado de São Paulo, que lidera o *ranking* de agressões contra professores. Além disso, ocorreu uma prevalência de dois artigos por ano de estudos, com destaque para 2016, que apresentou um artigo a mais que os outros anos, revelando o crescimento de pesquisas e envolvimento de pesquisadores na área investigada. Um dado importante a ser refletido é que apenas uma pesquisa foi desenvolvida com estudantes do Ensino Médio, predominando investigações em outras etapas da escolarização na Educação Básica.

Contudo, os estudos analisados nesta revisão trouxeram reflexões críticas acerca da violência por meio da visão do aluno, do professor, da família e do gestor. Desse modo, os estudos

recuperados nas bases de dados foram poucos, os estudos sobre o fenômeno *bullying* predominaram, e vale destacar que foram descartados em seguimento aos critérios de inclusão e exclusão do material publicado. De todo modo, os objetivos deste estudo foram alcançados, e fica claro que é fundamental que novas pesquisas referentes à violência sejam realizadas, principalmente no contexto brasileiro e mundial, em virtude de que ela enquanto fenômeno social tem sido bastante evidente, principalmente na esfera escolar; estudos que possam seguir outros vieses, outros recortes e novos descritores. Sugere-se que sejam investidas futuras pesquisas empíricas a serem desenvolvidas também em outros estados brasileiros, sobretudo naquelas das regiões Norte e Nordeste.

É importante ressaltar que este é um estudo visto sobre um recorte temporal, e que novas pesquisas podem ser realizadas por meio de novas vertentes, através de outras bases de

dados e combinação de outros descritores, ou mesmo investigando teses e dissertações acerca do tema. Portanto, as informações até aqui discutidas permitem trazer reflexões e discussões sobre como a violência escolar tem sido inquirida nos artigos publicados em revistas científicas brasileiras, indicando uma maior tendência a pesquisas realizadas com professores e alunos. Porém, tais investigações ainda se mostram incipientes quanto aos estudos, já que analisam somente a contextualização histórica, cultural, social e econômica de um lugar ou grupo de pessoas, em determinado momento da história.

Ademais, urge a necessidade de investimentos em pesquisas de caráter documental, que inquiram os registros institucionais das violências ocorridas nas escolas públicas brasileiras, de forma que tais documentos, sejam atuais ou antigos, possam ser utilizados para revelar as ocorrências e os tipos de violência, bem como as interações sociais envolvidas em sua produção.

SUMMARY

Violence in Brazilian public schools: A systematic review

The objective of the present study is to carry out a systematic review of the literature about violence in Brazilian public schools. Eleven empirical papers published in the period from January 2014 to December of 2018 were selected based on Scopus, SciELO, LILACS, Web of Science, and Pepsic databases. The selection of the chosen bases occurred because they indexed studies about the researched object, scientific support, recognition and reliability in the information provided. For the selection of manuscripts, the following keywords were used: violence, school, school violence and school violence. Most of the studies found included states in the Northeast, South and Southeast of the country, since this is a research conducted in Brazil. The articles were divided into four categories of analysis: 1) Teacher, student and school violence relationship; 2) Student and situations of violence; 3) School violence from the teaching perspective; and 4) Violence, conflict mediation and school staff. The results showed that violence is present in all social segments, acting physically and verbally, causing interference in interpersonal relationships.

KEYWORDS: Violence. School. Brazil.

REFERÊNCIAS

1. Abramovay M. Violencia en las escuelas: un gran desafio. *Rev Iberoamericana Educ.* 2005;38:53-66.
2. Andrade R. A história da violência no Brasil. 2018. [acesso 2019 Nov 10]. Disponível em: <https://revistasenso.com.br/2018/03/22/historia-da-violencia-no-brasil/>
3. Silva EHB, Florindo SS. O que é violência? Com a palavra, os alunos. In: *Anais do XII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE/PUCPR.* 2015.
4. Silva EHB, Florindo SS. Práticas educativas promovidas por professores no combate do fenômeno bullying nas escolas. In: *Andrade FA, Tahim APVO, Chaves FM, eds. Educação, saberes e práticas.* Curitiba: CRV; 2016. p. 302-71.
5. Bernaski J, Sochodolak H. História da violência e sociedade brasileira. *Ofic Hist.* 2018;11(1):43-60. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/2178-3748.2018.1.24181>
6. Atlas da Violência 2019. Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro, São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública; 2019. [acesso 2019 Set 13]. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>
7. Abramovay M. Escola e violência. Brasília: UNESCO, UCB; 2002. 156 p.
8. Abramovay M, Rua MG. Violências nas escolas: versão resumida. Brasília: Unesco; 2003.
9. Souza F. Violência na escola – Definição e contexto histórico. [acesso 2019 Out 15]. Disponível em: <https://www.psicologiamsn.com/2011/11/violencia-na-escola.html>
10. Spósito MP. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. *Educ Pesq.* 2001;27(1):87-103.
11. Boneti LW, Priotto EP. Violência escolar: na escola, da escola contra e a escola. In: *Anais do Congresso Nacional de Educação-EDUCERE,* 2008. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná; 2008.
12. Becker LK, Kassouf AL. Violência nas escolas públicas brasileiras: uma análise da relação entre o comportamento agressivo dos alunos e o ambiente escolar. *Nova Econ.* 2016;26(2):653-77.
13. Teixeira EC, Kassouf AL. Impacto da violência nas escolas paulistas sobre o desempenho acadêmico dos alunos. *Econ Apl.* 2015;19(2):221-40.
14. Charlot B. Prefácio. In: *Abramovay M, coord. Cotidiano das escolas: entre violências.* Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação; 2005. 404 p.
15. Silva FR, Assis SG. A prevenção à violência em programas interdisciplinares que atuam em escolas brasileiras e portuguesas. *Cienc Saúde Colet.* 2018;23(9):2899-908.
16. Morrone B, Oshima FY. Violência atinge 42% dos alunos da rede pública. *Época.* [acesso 2019 Set 15]. Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/03/violencia-atinge-42-dos-alunos-da-rede-publica.html>
17. Moher D, Liberati A, Tetzlaff J, Altman DG; PRISMA Group referred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. *PLoS Med.* 2009;6(7):e1000097. DOI: 10.1371/journal.pmed1000097
18. Bonamigo IS, Tondin CF, Risson AP, Solvalagem AL. Pesquisa-intervenção sobre violências em escolas. *Psicol Esc Educ.* 2014;18(3):519-27.
19. Martins AM, Machado C. Gestão escolar, situações de conflito e violência: campo de tensão em escolas públicas. *Educ Rev.* 2016;59:157-73. DOI: 10.1590/0104-4060.44074
20. Ribeiro IMP, Ribeiro AST, Pratesi R, Gandolfi L. Prevalência das várias formas de violência entre escolares. *Acta Paul Enferm.* 2015;28(1):54-9. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201500010>
21. Cruz FML, Maciel MA. 'Excluir', 'Xingar', 'Bater': sentidos de violência na escola segundo estudantes da Paraíba. *Psicol Esc Educ.* 2018;22(2):291-300.
22. Dornelas R, Santos TA, Oliveira DS, Irineu RA, Brito A, Silva K. Situações de violência na escola e a voz do professor. *CoDAS.* 2017;29(4):e20170053. DOI: 10.1590/2317-1782/20172017053
23. Crochick JL. Hierarchy, violence and bullying among students of public middle schools. *Paidéia.* 2016;26(65):307-15. DOI: 10.1590/1982-43272665201608
24. Silva EB, Costa MC, Santos M, Janh AC. Violência escolar na perspectiva de adolescentes: potencialidades para o enfrentamento. *Cogitare Enferm.* 2014;19(1):20-6.

25. Stelko-Pereira AC, Williams LCA. Evaluation of a Brazilian School Violence Prevention Program (Violência Nota Zero). *Pensam Psicol.* 2016;14(1):63-76. DOI: 10.11144/Javerianacali.PPSI14-1.ebsv
26. Mello TL, Campos DA. Situações de violência nas aulas de educação física e a prática pedagógica do professor. *Pensar Prática (Goiânia)*. 2018;21(4):740-50. DOI: 10.5216/rpp.v21i4.48285
27. Giordani JP, Seffner F, Dell'Aglio DD. Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública. *Psicol Esc Educ.* 2017;21(1):103-11.
28. Garbin CAS, Lima TJV, Garbin AJI, Rovida TAS, Saliba O. Conhecimento e percepção dos educadores do Ensino Infantil sobre violência. *Rev Cienc Plural.* 2015;1(2):37-47.
29. Arcoverde L, Souto L, Perroni A. Estado de SP tem maior número de casos de agressão a professores desde 2014. *Globonews - São Paulo*. [acesso 2019 Set 15] Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/estado-de-sp-tem-maior-numero-de-agressao-a-professores-desde-2014.ghtml>
30. APEOESP. Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo. Pesquisa indica aumento de casos de violência nas escolas públicas de São Paulo. Recuperado em: <http://www.apeoesp.org.br/noticias/noticias-2019/pesquisa-indica-aumento-de-casos-de-violencia-nas-escolas-publicas-de-sao-paulo/>
31. Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira (FENPB), orgs. *Violência e preconceitos na escola: contribuições da Psicologia*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia; 2018.
32. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos Não Transmissíveis e Promoção da Saúde. *Viva: Instrutivo Notificação de Violência Interpessoal e Autoprovocada*. Brasília: Ministério da Saúde; 2016.
33. Nesello F, Sant'Anna FL, Santos HG, Andrade SM, Mesas AE, Gonzáles AD. Características da violência escolar no Brasil: revisão sistemática de estudos quantitativos. *Rev Bras Saude Mater Infant.* 2014;14(2):119-36. DOI: 10.1590/S1519-38292014000200002
34. Assis SG, Assis SG, Constantino P, Avanci JQ. Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, FIOCRUZ; 2010. 270 p.
35. Salles LMF, De Paula Silva JMA, Castro JCR, Fernandez Villanueva C. Um estudo sobre jovens e violência no espaço escolar. *Psicol Soc.* 2014;26(1):148-57.
36. Kappel VB, Gontijo DT, Medeiros M, Monteiro EMLM. Enfrentamento da violência no ambiente escolar na perspectiva dos diferentes atores. *Interface (Botucatu)*. 2014; 18(51):723-35.
37. Soares SEM, Teixeira LM. *Práticas educativas e cultura de paz: articulando saberes e fazeres*. Caxias do Sul: Educs; 2018.
38. Facci MGD. O adoecimento do professor frente à violência na escola. *Fractal Rev Psicol.* 2019;31(2):130-42. DOI: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i2/5647>
39. Pereira JMS, Scalón EF, Márques FT. Enfrentamento da violência escolar: o que diz a literatura. *Cad Fucamp.* 2017;16(25):71-84.
40. Pires MAR. Violência e mediação de conflitos no âmbito escolar: de quem é a responsabilidade? *GETEC.* 2018;7(16):90-7.
41. Alves CF. Bullying: gestão escolar e a saúde pública, uma revisão da literatura. *Rev Eletr Gest Saúde.* 2015;6(3):2919-33.

Trabalho realizado na Universidade Federal do Piauí (UFPI), Parnaíba, PI, Brasil.

Conflito de interesses: Os autores declaram não haver.

Artigo recebido: 21/4/2020

Aprovado: 1/11/2020 ■